

Fotografia e memória

“Posso esfriar uma foto transformando-a em documento visual objetivo de uma época e ou esquentá-la até ela ferver, e transformando-a em documento visual subjetivo. Há interpretações de diferentes modos: despóticas, em estado de dúvida, indiferentes, participativas, neutras, líricas, românticas, raivosas”.

Milton de Almeida

A edição temática sobre Fotografia e Memória abre uma nova etapa da revista *Resgate*, do Centro de Memória da Unicamp, na qual identificamos um sentimento legítimo e um lugar de pertencimento para as questões da memória através do conjunto de reflexões e apresentações de resultados de pesquisa com o fotográfico ora publicados. Os estudos fotográficos em nosso país passam por um período muito fértil e com volume considerável de mestrados e doutorados, além de livros e periódicos, presentes em muitas áreas interdisciplinares que conjugam antropologia, artes, história, comunicação, arquitetura, e mesmo psicologia. Enfim, muitos campos do conhecimento que passaram a dar lugar à fotografia como objeto de conhecimento pela sua ampla possibilidade polissêmica.

Boris Kossoy em seu livro *Realidades e*

Ficções na Trama Fotográfica nos indica objetivamente que sempre estaremos implicados em processo de criações de realidades quando nos aproximamos da materialidade do fotográfico e o presentificamos em nossas pesquisas. Assim, o autor nos apresenta três planos importantes: a “memória histórica”, na qual qualquer recuperação do passado leva indubitavelmente a construções imaginárias; a “memória fotográfica”, em que nossas coleções particulares adentram afetos muitas vezes perdidos, mas de alguma forma recuperados como uma “ilusão de presença”, quando a fotografia adquire vida; e a “memória da fotografia”, onde um documento pode sobreviver como uma fotografia, atravessar o tempo para olhares que são estranhos, ou quando existe a possibilidade de interrupção do fluxo imaginário, e torna-se somente uma imagem. Quando o autor anuncia por fim

uma “memória sintética”, na qual um documento confirma a realidade passada, nos alerta para a possibilidade de uma memória fotográfica construída como prótese, e nos lembramos das narrativas fotográficas recentes de Jóan Fontcuberta, e dos fotofilmes *La Jetée*, de Chris Marker (França, 1962) e *El Pabellon Aleman*, de Juan Millares (Espanha, 2009), que traduzem esse pensamento.

Nesse sentido, esta edição sobre Fotografia e Memória é um esforço de muitos pesquisadores aqui presentes para ativar sensibilidades e razões que levam a fotografia e o fotográfico a alimentar nosso imaginário coletivo sobre questões que permeiam imagens esquecidas em arquivo político, apresentam imagens de consciência de um fotógrafo militante, sentimentos narrativos de vivências pessoais, novo contexto de imagens religiosas da mídia, fotografia contemporânea como lugar de iluminação

do esquecimento, metodologias formais de encontros presentes em acervos pouco explorados, imagens legitimadoras de processos racistas de dominação, imagens subjetivas de uma memória pessoal em processo criativo, narrativa poética sobre uma cidade invisível, o embate entre os conceitos de fotografia documento e fotografia expressão em André Rouillé, e entrevistas com fotógrafos brasileiros que focam nossas africanidades.

Assim, o conjunto de textos perpassa os tempos da fotografia, como Boris Kossoy assim denomina: como perpetuação da memória pela sua própria gênese; tempo como conceito de criação e representação que se articula em tensões entre o efêmero e a suspensão, e por fim, os tempos considerados clássicos e o tempo eletrônico entre os quais apreciação e contemplação são substituídas pelas imagens em fluxo midiático e processo de contínua saturação.

Fernando de Tacca,
organizador da edição